

VISÃO DO CORREIO

Morte de menina indígena não pode ser apagada

A cada tragédia que assola o mundo, muito se fala sobre a apatia da nossa sociedade, praticamente anestesiada em meio a tantas notícias que embrulham o estômago. Essa indiferença, no entanto, parece ter escalas a depender da vítima de cada ocorrência. Crimes contra crianças, por exemplo, tendem a tocar o coração de cada um de uma maneira diferente, justamente pela jovialidade e pela fragilidade da pessoa envolvida. Quem não se lembra da repercussão dos assassinatos de Henry Borel, Isabella Nardoni e Bernardo Boldrini, só para citar três casos de grande repercussão nacional?

Reação semelhante deve causar a morte de Dorca Mata Rattia, menina indígena da etnia Warao, de apenas 12 anos, que perdeu a vida, neste mês, em Betim, Região Metropolitana de Belo Horizonte, em decorrência de complicações de uma gestação ocasionada por estupro, segundo a polícia. Não se trata de comparação sobre o peso de cada vida ou sobre quem é mais ou menos importante, mas de lançar luz sobre uma morte que reflete a sobreposição de desamparos sofridos por brasileiros que estão no topo das vulnerabilidades.

Dorca é vítima de uma série de problemas estruturais do país: o abandono da população indígena, o machismo e a violência sexual contra crianças e adolescentes. O mais recente *Anuário Brasileiro de Segurança Pública* mostra que ao menos 61% dos estupros contabilizados no país, no ano passado, foram cometidos contra menores de 14 anos.

Além de ocorrerem em contexto de estupro de vulnerável, segundo o artigo 217-A do Código Penal Brasileiro, essas gestações implicam riscos à vida das meninas e dos fetos — a garota indígena, por exemplo, morreu após sofrer uma série de convulsões

ligadas a uma pré-eclâmpsia, condição grave de hipertensão na gravidez e que precisa ser acompanhada.

A morte da menina de 12 anos durante o parto também simboliza o total desamparo da população indígena no país. E, diante desse quadro, à exceção de casos de profunda vulnerabilidade, como aconteceu com a Terra Indígena Yanomami em 2023, dificilmente há grande repercussão na sociedade em relação a questões do tipo. Basta lembrar outro caso recente de abuso sexual cometido no Amazonas. Uma indígena de 29 anos foi violentada, de novembro de 2022 a agosto de 2023, em uma cadeia em Santo Antônio do Itá. Só agora, depois que o caso chegou à imprensa, os policiais suspeitos pelo crime foram indiciados.

No caso dos Warao, como noticiado em reportagem da Agência Pública no ano passado, há um aspecto importante: a etnia, conhecida como o povo da canoa, sofre um novo processo de violência no Brasil, após recorrer a uma imigração forçada para deixar a Venezuela, diante do grave quadro de violação dos direitos humanos no país vizinho.

Se cabe à imprensa noticiar os crimes como eles realmente ocorreram, evidentemente com respeito aos preceitos jornalísticos pautados pela ética, é obrigação do poder público dar explicações e promover políticas para evitá-los, assim como é responsabilidade da população se manter vigilante para cobrar respostas das autoridades.

Casos como o de Dorca Mata Rattia não podem apenas entrar para balanços estatísticos. A morte da menina indígena de origem venezuelana precisa ser encarada como uma grave falência do Estado brasileiro em proteger quem mais necessita. E, nesse aspecto, indígenas, imigrantes e crianças deveriam figurar na mais alta prioridade.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
 » E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Intromissão descabida

Chega a ser indecente ver meia dúzia de gatos pingados se manifestando a favor das interferências de Donald Trump no Brasil. É inacreditável que um presidente de um país como os Estados Unidos da América esteja se apequenando tanto, dando ouvido a pessoas sem escrúpulos que querem o poder a qualquer custo. São mentirosos, traidores da pátria, favoráveis ao “quanto pior, melhor”. É invejável a democracia que vivemos. É conversa fiada a afirmação de que no Brasil há perseguição política. Causa nojo saber que alguns enganadores ficam rosando por aí com o intuito de manchar a imagem do nosso país e prejudicar a maioria da nossa população, que sabe que a liberdade é o bem maior de um povo. As autoridades brasileiras não podem baixar a guarda. O Brasil não é quintal dos EUA. Não podemos ficar de joelhos no chão com medo de quem quer que seja. A soberania do nosso gigante não tem preço. A nossa justiça não pode ceder. A lei deve, sim, ser aplicada com todo o rigor em quem a infringiu. Unamo-nos àqueles que zelam para que não fiquemos sob o cabresto de nenhum espertalhão.

» **Jeovah Ferreira**
 Taquari

Apoio

Existe um ditado brasileiro que diz o seguinte: o pior cego é aquele que não quer enxergar o óbvio. Podemos usar esse ditado em relação aos governadores bolsonaristas que esperam o apoio do ex-presidente para que um deles chegue ao Palácio do Planalto. Será que eles são tão cegos e ingênuos assim que não querem enxergar o óbvio? Bolsonaro jamais vai apoiar um deles para presidente da República nas próximas eleições. Ele é doente pelo poder e não vai deixar de apoiar um membro da sua família para apoiar um dos quatro governadores pretendentes à vaga de presidente nas eleições de 2026.

» **Evanildo Sales Santos**
 Gama

Tiro sai pela culatra

É vergonhosa a subserviência do ex-presidente Jair Bolsonaro

de seu filho Eduardo Bolsonaro ao presidente dos EUA, buscando impor uma taxação absurda de 50% sobre as exportações brasileiras, sob a alegação de que Bolsonaro sofreria injustiça no Supremo. Todo brasileiro bem informado sabe que Bolsonaro tentou dar o golpe e se perpetuar no poder: deu aumento aos militares, colocou milhares deles no governo, desacreditou as urnas e as eleições, mobilizou o povo contra o STF e para acampar nos quartéis, preveniu embaixadores e reuniu cúpula militar. Só não teve êxito porque os comandantes do Exército e da Aeronáutica vetaram. Ele deveria ter a decência de assumir o que fez, em vez de entregar o país à ganância estrangeira para se safar. A taxação vai gerar grande perda ao país, fechar empresas e criar milhões de desempregados. Para essa chantagem, os Bolsonaro buscaram o parceiro ideal: o megalomaniaco Donald Trump, que gosta de se mostrar poderoso e de semear o caos. É isso que faz contra o Brasil, sem base econômica, pois, ao contrário dos demais países taxados por ele, não temos superávit comercial com os EUA. Trata-se de um crime de lesa-pátria, que atinge o país como um todo: urbano, rural, rico e pobre. Um ato insano, verdadeira traição, que não será perdoado.

» **Ricardo Pires**
 Asa Sul

Futebol

Brilhante, como sempre, o jornalista Marcos Paulo Lima (**Correio**, edição de 26/07) afirma que Neymar precisa parar, de uma vez por todas, de ficar se trocando, passando recibo com torcedores e adversários. Ultimamente, até com os árbitros e auxiliares. Sabe que, agindo assim, em Copa do Mundo, é cartão vermelho sem dó. Se desgasta emocional e fisicamente. Neymar, mais do que nunca, é atleta fundamental para o Brasil na disputa do hexa, na Copa de 2026. Mostra em campo que está bem fisicamente. Tem jogado a partida toda. Craque não desaprende. Marcos Paulo Lima aconselha Neymar: “Mostre-se superior aos gestos passionais, alguns até infantis, de arribaldos descontrolados. Dar palco a fãs nem sempre sóbrios é baixar ainda mais o nível!”

» **Vicente Limongi Neto**
 Asa Sul

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Trump friday: tudo com 50%! Preço de banana!

Franciscarlos Diniz — Asa Norte

Há décadas, punhais verde-amarelos vêm sendo cravados nas costas dos eleitores, os quais são traídos, esnobados, olvidados pelos eleitos poucos dias depois das eleições.

Paccelli M. Zahler — Sudoeste

Estão concretando Brasília e acabando com o resto do Cerrado que ainda existe. Como ficará o trânsito na área desse novo bairro? O DF ainda tem muitas áreas em Sobradinho, Planaltina e Brazlândia. Por que não veem essas possibilidades? Como ficará o trânsito na área?

Geralda Lima — Brasília

Novo bairro: igual aquela mentira que pregaram para o Noroeste como sendo um bairro sustentável, que nem o jardim dos blocos é sustentável.

Matheus Mota — Brasília

Não concordo com acabar com a obrigação das aulas em autoescolas. O que se deveria fazer é baixar o preço, deixá-lo acessível a todos. Apenas isso.

Anderson Aduato da Silva — Brasília

Participando das autoescolas já fazem as atrocidades que fazem, imagine se não tiver!

Aline Borges — Brasília

O certo seria acabar com a taxa de renovação da CNH. Não tem por que pagar para renovar algo que você já tem.

Marcos Dias — Brasília



RODRIGO CRAVEIRO
rodrigo.craveiro@gmail.com

Memórias do Holocausto

Nos últimos anos, fiz algumas reportagens sobre o Holocausto. Entrevistei sobreviventes, marcados na pele e na alma, mesmo depois de oito décadas. Visitei o Yad Vashem, em Jerusalém. Um museu em memória das vítimas do genocídio nazista. Confesso que derramei lágrimas ao ser confrontado com tamanha maldade do ser humano. Nas conversas com quem conseguiu resistir ao horror, escutei histórias de medo, da convivência diária com a certeza da morte e de fome. Uma das que mais me chocaram foi contada por uma idosa. Quando criança, no campo de extermínio de Auschwitz-Birkenau, ela e colegas do pavilhão onde eram mantidos lutaram por um pedaço de maçã boiando no esgoto. As imagens de pessoas em pele e ossos, vítimas de uma fome produzida pelo próprio homem, são cruéis, abjetas e repugnantes.

Oitenta anos depois da queda do nazismo e do fim da Segunda Guerra Mundial, imagens parecidas atormentam, emudecem o coração e provocam horror. Ainda mais quando são frutos de uma ação militar de Israel. No sábado passado, conversei com o fotógrafo Ahmed Al Arini, morador da Faixa de Gaza e autor da imagem que deve ganhar prêmios e se tornar símbolo das violações contra o povo palestino — o pequeno Muhammad Zakariya Al Matouq, de 1 ano e meio, transformado pela fome em um quase esqueleto: olhos profundos e perdidos, pele quase rasgada pelos ossos, as pernas finas e tomadas por feridas. “O mundo não se importa conosco”, desabafou Al Arini.

Antes que me acusem de antissemita — virou tabu falar sobre o Holocausto e criticar Israel —, eu me baseio em fatos. Não é razoável culpar toda a desgraça que aflige o povo palestino ao Hamas. É óbvio que o grupo terrorista tem parcela de responsabilidade, mas quem impede a ajuda de inunda Gaza é Israel; quem sabotou os planos da flotilha humanitária de levar mantimentos a Gaza é Israel; quem impõe um bloqueio descarado é Israel.

Um povo que enfrentou o extermínio nas mãos de um regime genocida não deveria compactuar com o que o seu governo faz. Um aliado que enche a boca para se denominar “terra das liberdades” não deveria concordar com a mais terrível prisão imposta a 2,1 milhões de pessoas: a fome. Em entrevista, o britânico Alex DeWaal — um dos maiores especialistas sobre o tema — me disse que a fome não apenas produz danos físicos e mentais. Ela destrói o tecido social. O objetivo de Benjamin Netanyahu é destruir a identidade e a coesão de um povo que tem direito sobre a terra e a um Estado soberano. É inadmissível que a comunidade internacional feche os olhos e não desafie Israel a colocar fim ao bloqueio e à guerra imoral.

Fico imaginando o que diriam as vítimas do Holocausto ao se depararem com imagens das crianças raquíticas, cadáveres ambulantes, como alertou a ONU. A humanidade deveria ter aprendido com o período de trevas para impedir o seu retorno. Aqui estamos: 80 anos depois, chorando por Al Matouq e pelas crianças da Faixa de Gaza dizimada pela fome.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
 E se mais mundo houera, lá chegara”
 Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
 Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
 Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
 Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine			
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em emprebo terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anúncios			
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp			
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
 Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A Press Multimídia Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias: SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo: Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/domingos e feriados, das 15h às 22h. Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568. E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br